

O MUNDO PÓS-QUEDA DO MURO DE BERLIM

Zilneide de Oliveira Ferreira*

Resumo: o objetivo deste ensaio é apresentar um panorama mundial pós-1989, ano que marcou o fim da Guerra Fria e da ordem internacional bipolar, com a queda do Muro de Berlim, símbolo da divisão do mundo em dois sistemas: capitalismo e socialismo.

Palavras-chave: Queda do Muro de Berlim. Fim da Guerra Fria. Panorama mundial pós-1989.

Abstract: the purpose of this essay is to present a global picture post-1989, year which marked the end of the Cold War and the bipolar international order, with the fall of the Berlin Wall, symbol of the world's division into two systems: capitalism and socialism.

Keywords: Fall of the Berlin Wall. End of the Cold War. Global picture post-1989.

1 Introdução

Após a Segunda Guerra Mundial na Europa, com o Acordo de Potsdam,¹ realizado em 1945 pelos vencedores da guerra (Estados Unidos, Reino Unido e União Soviética), a Alemanha foi dividida em quatro zonas de ocupação, controladas, cada uma delas, por uma das quatro potências aliadas. Posteriormente, as zonas não soviéticas se uniram e adotaram o regime capitalista, passando a vigor dois regimes: o capitalista, na Alemanha Ocidental, e o socialista, na Alemanha Oriental; mas não somente na Alemanha, pois esta polaridade ficou evidente na disputa de poder entre os Estados Unidos e a então União Soviética, levando ao que ficou conhecido como Guerra Fria, que findou há 25 anos, em 9 de novembro de 1989, com a queda do Muro de Berlim, símbolo da divisão do mundo em dois sistemas: capitalismo e socialismo.

Neste contexto, o objetivo deste ensaio é apresentar um panorama mundial pós-1989, ano que marcou o fim da Guerra Fria e da ordem internacional bipolar (Estados Unidos e União Soviética), com a queda do Muro de Berlim. Inicialmente, de forma sucinta, apresentam-se os antecedentes que levaram à queda do Muro de Berlim; em seguida, as causas capitais deste evento e um panorama mundial pós-queda do Muro de Berlim.

2 Antecedentes

Em 1939, havia um mundo multipolar com sete importantes potências [Alemanha, Itália, Japão, Inglaterra, União Soviética, França e Estados Unidos]. Após a “Segunda Guerra Mundial, restaram apenas duas superpotências: os Estados Unidos e a União Soviética.” (NYE JR., 2009, p. 145).

Em que pesem as grandes perdas decorrentes da Segunda Guerra Mundial, na época, a União

Soviética saiu politicamente fortalecida e os Estados Unidos militar e economicamente.

A Alemanha foi dividida em quatro setores de ocupação controlados, cada um, por um dos países aliados: Estados Unidos, Reino Unido, França e União Soviética (RIBEIRO, 2014). As três primeiras potências se uniram e adotaram o regime capitalista (liderado pelos Estados Unidos), formando a Berlim Ocidental; o lado soviético de Berlim (socialista) deu origem à Berlim Oriental.

[...] a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar. Pois, como observou o grande filósofo Thomas Hobbes, “a guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar: mas num período de tempo em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida” [...]. A Guerra Fria entre EUA e URSS, que dominou o cenário internacional na segunda metade do Breve Século XX, foi sem dúvida um desses períodos (HOBSBAWM, 1995, p. 223).

Grosso modo, a Guerra Fria é a denominação dada ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos de várias ordens (política, militar, tecnológica, econômica, social e ideológica) entre os Estados Unidos e a União Soviética, entre o final da Segunda Guerra Mundial e a dissolução da União Soviética.

Conforme Almeida (2009), a Guerra Fria se estendeu desde 1946, quando fracassou a Conferência de Paris, a qual deveria aplicar as decisões de Yalta e Potsdam quanto à reorganização democrática da Europa, até 1991, quando se desfez, por autoimplosão, o regime socialista. A Guerra Fria foi o elemento que definiu as relações internacionais em grande parte da segunda metade do século XX (ALMEIDA, 2009).

Em termos objetivos, a Guerra Fria teve como peculiaridade o fato de não haver perigo iminente de outra guerra mundial, pois, “apesar da retórica

apocalíptica de ambos os lados [Estados Unidos e União Soviética], mas sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças” no final da Segunda Guerra Mundial - havia um equilíbrio de poder desigual não contestado em sua essência. A União Soviética controlava ou exercia influência predominante em uma parte do globo, “a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra - e não tentava ampliá-la com o uso de força militar.” Os Estados Unidos, por sua vez, exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista e assumiram o que restou “da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética” (HOBBSAWM, 1995, p. 223).

Em 1948, Berlim estava dividida em duas zonas, a ocidental e a soviética. Em represália ao Plano Marshal, Stalin instituiu o Bloqueio de Berlim, fechando todas as estradas (de rodagem e férrea) que ligavam Berlim à Alemanha Ocidental, “na tentativa de fazer com que os aliados ocidentais desistissem de sua parte na cidade” (SCHILLING, 2014, n.p.), impedindo também que alimentos, materiais e suprimentos chegassem à zona ocidental. Diante disso, “Estados Unidos, Reino Unido, França, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e vários outros países começaram uma imensa ‘ponte aérea para Berlim’, fornecendo alimentos e outros suprimentos à parte da cidade controlada pelo Ocidente.” (RIBEIRO, 2014, p. 1). Os Estados Unidos lançaram a *Berlin Airlift*, que transportou milhares de toneladas de alimentos para os berlinenses e que durou 11 meses, de 25 de junho de 1948 a 12 de maio de 1949 (SCHILLING, 2014).

No final da Segunda Guerra Mundial, depois da ocupação soviética na Europa Oriental, a maioria da população que vivia nas áreas recém-adquiridas do bloco oriental aspirava à independência e à saída dos soviéticos (THACKERAY, 2004). O número de pessoas da Alemanha Oriental que emigraram para a Alemanha Ocidental quase dobrou entre 1950 (197.000 pessoas) e 1953 (331.000); uma das razões dessa emigração foi o medo de uma sovietação mais intensa com as ações de Stalin, em 1952 e no início de 1953 (RIBEIRO, 2014). Conforme Voltaire Schilling (2014), esse processo migratório que ocorreu de 1949 a 1961 é explicado não somente pela diferença do regime (capitalista), mas também pela

extraordinária recuperação econômica do lado ocidental: o milagre econômico dos anos 1950-1960, resultado dos grandes complexos industriais e trabalhadores especializados.

3 A Queda do Muro de Berlim

Antes, ainda que brevemente, faz-se mister discorrer sobre a construção do Muro de Berlim. A mesma teve início em agosto de 1961, pela então República Democrática Alemã (Alemanha Oriental), separando a área capitalista da área socialista.

O objetivo da construção do Muro de Berlim era deter o constante fluxo migratório, pois, entre 1949 e 1961, mais de 2,6 milhões de soviéticos fugiram para o lado ocidental. Inicialmente, a barreira foi levantada com arame farpado, depois se tornou uma monstruosidade arquitetônica e, quando ficou pronto, seu cinturão externo media 155 km e o interno 43 km, e nele foram instaladas 302 torres de observação, expondo a absoluta insensibilidade das autoridades soviéticas. O muro “resultou de um previsível processo de isolamento, seguido de enclausuramento dos alemães orientais, que já se arrastava desde 1952”, ano em que a fronteira entre as duas Alemanhas foi definitivamente fechada (SCHILLING, 2014, n.p.).

Avançando no tempo, em fevereiro de 1986, Gorbachev lançou os programas *Glasnost* (transparência política) e *Perestroika* (reestruturação econômica); o primeiro visava “combater a corrupção e a ineficiência administrativa dentro do Estado soviético, como parte de um projeto maior de abertura política” e o segundo, “aumentar a produtividade da economia do país” (RIBEIRO, 2014, n.p.), mas

[...] apenas tornou mais visíveis problemas que há muito vinham se acumulando: a ineficiência da economia, engessada por um planejamento excessivamente centralizado; o peso dos crescentes gastos militares; a inflexibilidade de uma burocracia estatal de proporções monstruosas, que procurava controlar e regulamentar cada atividade produtiva. Para Gorbachev, só haveria futuro para o socialismo se tal estrutura fosse inteiramente reformulada (RIBEIRO, 2014, p. 3).

Gorbachev também passou a gradualmente reduzir a ajuda econômica aos países do Leste Europeu, bem como a retirar de lá várias das tropas soviéticas (RIBEIRO, 2014).

Conforme Nye Jr. (2009, p. 170), tanto a política interna como a política externa de Gorbachev promoveram “numerosas ações que aceleraram tanto o declínio soviético existente quanto o fim da Guerra Fria.” Em 1985, quando assumiu o poder,

“Gorbachev tentou disciplinar o povo soviético como uma maneira de superar a estagnação econômica existente”, mas não obteve êxito e lançou a *Perestroika* e a *Glasnost*, cujos resultados estão espostos acima. A política externa de Gorbachev, denominada por ele de “novo pensamento”, também contribuiu para o término da Guerra Fria e tinha dois elementos importantes; um deles (ante a ameaça nuclear) consistia no conceito de segurança comum, “no qual o clássico dilema da segurança é superado com a união para proporcionar segurança”; o outro foi “sua opinião de que o expansionismo é normalmente mais caro do que benéfico.”

O controle soviético sobre um império na Europa Oriental estava custando demais e proporcionando muito poucos benefícios, e a invasão do Afeganistão foi o desastre mais caro. Não era mais necessário impor um sistema local comunista como um meio de assegurar a segurança nas fronteiras soviéticas (NYE JR., 2009, p. 171).

Em 1989, os “cidadãos de Alemanha del Este” foram às ruas exigir reformas democráticas. As autoridades hesitaram em disparar ou não sobre a multidão. Moscou anunciou que suas tropas na Europa Oriental não participassem de qualquer repressão. A intensidade das manifestações foi-se multiplicando e resultou na queda do Muro de Berlim. Em poucos meses, um após outro, os regimes comunistas na Europa foram varridos (RAMONET, 2014, n.p.).

Resumindo, Ramonet (2014) aponta que pelo menos três fatos capitais ocorridos durante a década de 1980 levaram à queda do Muro de Berlim:

- a) as greves de agosto de 1980, na Polônia, que demonstravam uma contradição fundamental: a classe trabalhadora se opunha a um suposto Estado operário e suposto partido da classe operária. A teoria oficial sobre a qual o comunismo de Estado se baseava desmoronou;
- b) em março de 1985, em Moscou, o lançamento da *Perestroika* e da *Glasnost*, visando à reforma do comunismo soviético;
- c) em junho de 1989, em Pequim, na véspera de uma visita de Gorbachev, milhares de manifestantes que exigiam reformas semelhantes às realizadas na União Soviética foram reprimidos militarmente pelo governo chinês, resultando em centenas de mortos na Praça da Paz Celestial e na condenação internacional do regime em Pequim.

Simbolicamente, a queda do Muro de Berlim marcou o fim da Guerra Fria, assim como o fim -

embora a União Soviética não se tenha dissolvido até dezembro de 1991 - do comunismo autoritário, mas não o fim da aspiração de milhões de pobres a viver dignamente em um mundo justo e igualitário (RAMONET, 2014).

Caiu o Muro de Berlim, entretanto levantaram-se outros muros (ORTEGA, 2014; RAMONTE, 2014).

4 O Mundo após a Queda do Muro de Berlim

Com a queda do Muro de Berlim, mas não somente por isso, o mundo mudou,² embora naquele tempo não se divisasse com clareza que foram plantadas muitas das sementes do que tinha ocorrido naquele quarto de século, e que seguiria ocorrendo. A queda do Muro em si gerou uma série de eventos: (a) o colapso da União Soviética dois anos depois (1991) - que, segundo Vladimir Putin, foi a maior catástrofe geopolítica - e o colapso da Iugoslávia; (b) a unificação da Alemanha e da ainda incompleta Europa, com o euro e o alargamento; e (c) os anos de unipolaridade dos Estados Unidos (ORTEGA, 2014).

O sistema socialista entrou em colapso devido à própria deterioração interna e não por ofensiva do capitalismo, uma vez que os Estados Unidos estavam em recessão profunda após a Segunda-feira Negra, em Wall Street, dois anos antes, em 1987 - embora a interpretação que se dê seja a de que, no enfrentamento entre o socialismo e o capitalismo, este se tenha imposto - por nocaute. O erro fatal foi que, ao perder seu “melhor inimigo”, por uma relação de força constante forçando o capitalismo a autorregular e moderar seus impulsos, deixou-se arrastar por seus piores instintos. Esquecendo a promessa de fazer o mundo se beneficiar dos “dividendos da paz”, Washington impôs em toda parte, em alta velocidade, o que acreditava ser a ideia triunfante: a globalização econômica; ou seja, a extensão para todo o planeta dos princípios ultraliberais: financeirização da economia, desrespeito pelo meio ambiente, privatização, liquidação dos serviços públicos, insegurança no emprego, marginalização dos sindicatos, concorrência brutal entre os funcionários em todo o mundo, deslocalizações etc. - um retorno ao capitalismo desenfreado (RAMONET, 2014, n.p.).

Em 1989 se lançou (de forma definitiva), do Centro Europeu de Pesquisa Nuclear, na *internet* - que havia nascido antes -, a Rede, ou seja, a WWW (então com outro nome, *Enquire*), que tantas coisas tem mudado e que se abriu ao

público em 1993, em uma revolução que guarda certo paralelismo com a de Gutenberg e a imprensa há quase seis séculos. A Rede tem revolucionado a maneira de nos relacionar, para os muitos e para os poucos, com uma multiplicação dos atores e uma difusão do poder que também os radicais têm aproveitado. E alguns deles, como Al-Qaeda, têm sua origem então (ORTEGA, 2014).

Em 1989, os soviéticos se retiraram do Afeganistão, o que pouco depois deu passagem à conquista do poder no país pelos talibãs e Osama Bin Laden - monstro, em parte, gerado pelo Ocidente -, ao 11 de Setembro (2001) e a tudo o que veio depois, incluindo o Estado islâmico, que tentou se instalar entre o Iraque e a Síria. Mas também cresceu a Frente Islâmica de Salvação na Argélia, à qual um golpe de Estado pouco depois impediu de chegar ao poder. 1989 também marcou o regresso das questões religiosas ao centro da política em uma parte do mundo (ORTEGA, 2014).

A nova onda democrática que não se limitaria à Europa, também chegaria pouco depois à África do Sul, com o fim do **Apartheid**. Também houve a repressão e matança de **Tiananmen**, e o renovado impulso da **China** por modernizar sua economia e globalizar-se, evitando o colapso que a União Soviética havia experimentado. O termo "**globalização**" se estendeu com o fenômeno que representava (e que também estava por trás do colapso da União Soviética). Pode-se dizer que então se acelerou a entrada de 3.000 milhões de novos capitalistas, como apresentou Clyde Prestowitz, de produtores e consumidores na economia mundial, algo positivo mas que tem colocado riscos maiores aos velhos países capitalistas. Outra coisa que aconteceu foi que o capitalismo, ou o mercado, após 1989-1991 deixou de ter alternativas. Hoje se enfrentam modelos de capitalismo, mas não se coloca em questão o mais básico (ORTEGA, 2014, n.p., grifos do autor, tradução nossa).

Ainda conforme Ortega (2014), citando Saskia Sassen, o fim da Guerra Fria foi muito mais que uma expansão do mercado, pois lançou uma das fases econômicas mais brutais da era moderna, e a crise atual contém características que sugerem que o capitalismo financeirizado atingiu os limites de sua própria lógica para esta fase; embora não esteja nada claro o que pode vir depois.

No plano militar, Washington demonstrou sua hiperpotência, por exemplo, com a invasão do Panamá, a Guerra do Golfo, a ampliação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a guerra de Kosovo, a marginalização da Organização das Nações Unidas (ONU). Após os atentados de 11 de setembro de 2001, George Bush e seus "falcões" decidiram castigar e conquistar o Afeganistão e o Iraque. A ajuda aos países pobres do Sul foram reduzidas e foi lançada

uma cruzada contra o "terrorismo internacional" utilizando-se de todos os meios, inclusive os menos nobres, como vigilância generalizada, tortura, "desaparecimento", prisões secretas, cárceres ilegais, como Guantânamo. O balanço foi desastroso: nenhuma vitória militar real, uma imensa derrota moral e uma grande destruição ecológica, sem que os principais perigos tenham sido eliminados. A ameaça terrorista não desapareceu, a pirataria marítima agravou-se, a Coreia do Norte dotou-se de armas nucleares, o Irã poderia fazê-lo e o Oriente Médio seguiu sendo um barril de pólvora (RAMONET, 2014, n.p., tradução livre).

Depois do colapso do regime socialista, em âmbito global, o capitalismo despontou como sistema político-econômico mundial e vários países se aproximaram do mundo capitalista visando ingressar nesse sistema e alcançar uma integração no mercado.

O mundo passou a ser multipolar. Vários grandes países (Brasil, Rússia, Índia, China, Sudáfrica) fizeram alianças à margem das potências tradicionais. Na América do Sul, Bolívia, Equador e Venezuela exploram novas vias do socialismo. O G-20, por causa da crise econômica mundial, confirma que os países ricos do Norte não podem por si sós resolver grandes problemas mundiais (RAMONET, 2014).

A divisão dos países - socioeconômica e política (Teoria dos Mundo) - passou a ser entre países desenvolvidos (do Norte) e subdesenvolvidos e em desenvolvimento (do Sul), devido às diferenças que os separam, respectivamente: riqueza e pobreza; e não mais em Primeiro, Segundo e Terceiro Mundo.

A partir dos anos 1990, comércio internacional, direitos humanos e meio ambiente também se tornaram questões-chave no mundo, uma vez que dizem respeito à toda a humanidade e não a um país isoladamente ou a determinado grupo. No Rio de Janeiro, em 1992, na II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, foram difundidas as noções de desenvolvimento sustentável, incompatibilidade entre crescimento demográfico ilimitado e planeta finito, subordinação da tecnologia à ecologia, poluição e pobreza provocadas pelo consumo incontido e necessidade de medidas locais e globais para a proteção do meio ambiente. Em 1993, em Viena, a II Conferência das Nações Unidas sobre Direitos Humanos difundiu a implementação de medidas nacionais, interação e ação conjunta dos órgãos e agências da ONU e de órgãos globais e regionais

visando fomentar uma cultura comum e universal sobre direitos humanos. Em 1994, ocorreu a Rodada Uruguai do Gatt (Acordo Geral de Comércio e Tarifas), que instituiu a Organização Mundial do Comércio para regulamentar os fluxos de bens, serviços e propriedade intelectual entre os países e solucionar controvérsias a respeito (SENADO FEDERAL, 2013).

5 Conclusão

Neste artigo, buscou-se apresentar um panorama do mundo pós-queda do Muro de Berlim, porém, nestes últimos 25 anos ocorreram muitas transformações, tornando-se impossível enumerá-las e/ou aprofundá-las. Os diversos meios de comunicação, cotidianamente, têm-nas divulgado. Assim, pelo que se tem visto, vivido, tomado conhecimento e pelo exposto, pode-se concluir com as palavras de Ramonet, abaixo.

A oportunidade histórica que constituía a queda do Muro de Berlim foi desperdiçada. O mundo de hoje não está melhor. A crise climática que pende sobre a humanidade é um perigo mortal e a soma das quatro crises atuais (alimentar, energética, ecológica e econômica) dá medo. As desigualdades têm aumentado e a muralha do dinheiro é mais imponente que nunca: a fortuna das 500 pessoas mais ricas é superior a das 500 milhões de pessoas mais pobres. O muro que separa o Norte e o Sul permanece intacto: a má nutrição, a pobreza, o analfabetismo e a situação sanitária que se tem deteriorado, particularmente na África; para não se falar do muro tecnológico. Ademais, tem-se levantado novos muros: como o edificado por Israel contra os palestinos; ou o dos Estados Unidos contra os migrantes latinoamericanos; ou os da Europa contra os africanos etc. Quando decidiremos destruir de uma vez para sempre todos esses muros da vergonha? (RAMONET, 2014, tradução livre) ●

relações de poder no sistema internacional que emergiram após o fim da Guerra Fria, seu grau de permanência, como ocorreram as interações no interior dessa situação/ordenamento, qual sua dinâmica e que tendência evolutiva ela manifesta, cf. CRUZ, 2011, p. 33-36.

Referências

- ALMEIDA, P. R. O Brasil e as relações internacionais no pós-Guerra Fria. In: LADWIG, N. I.; COSTA, R. S. (Org.). *Vinte anos após a queda do muro de Berlim*. Palhoça: Unisul, 2009. p. 15-38.
- CRUZ, S. C. V. Evolução geoplítica: cenários e perspectivas. *Texto para Discussão*, Rio de Janeiro, n. 1611, maio 2011. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 03 nov. 2014.
- DEUTSCHE WELLE. 1945: Conferência de Potsdam. Disponível em: <<http://www.dw.de/1945-confer%C3%Aancia-de-potsdam/a-593737>>. Acesso em: 04 nov. 2014.
- HOBSBAWM, E. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NYE JR., J. S. *Cooperação e conflito nas relações internacionais*. São Paulo: Gente, 2009.
- ORTEGA, A. 1989, mucho más que el Muro de Berlín. *El Espectador Global*, Madrid, 04 nov. 2014. [online]. Disponível em: <<http://www.blog.rielcano.org>>. Acesso em: 04 nov. 2014.
- RAMONET, I. EL día que cambió el mundo. *Le Monde Diplomatique*, n 185, nov. 2014. [online]. Disponível em: <<http://www.eldiplo.org>>. Acesso em: 04 nov. 2014.
- RIBEIRO, M. *A ascensão e os 25 anos da queda do Muro de Berlim*. 09 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br>>. Acesso em: 08 nov. 2014.
- SCHILLING, S. *O muro de Berlim*. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br>>. Acesso em: 06 nov. 2014.
- SENADO FEDERAL. Instituto Legislativo Brasileiro - ILB. *Relações internacionais: teoria e história*. (Material didático da plataforma do curso de capacitação à distância realizado pela autora em 2013).
- THACKERAY, F. W. *Events that changed Germany*. Westport: Greenwood Press, 2004.

Notas:

(1) cf. DEUTSCHE WELLE, 2014.

(2) Conforme Cruz (2001, p. 32), "O episódio que trouxe à consciência de todos o fato de que o mundo havia mudado foi a Guerra do Golfo.", pois a operação militar dos Estados Unidos em um ponto tão nevrálgico do planeta seria impensável. A Rússia assistia ao bombardeio de Bagdá e a interceptação dos mísseis iraquianos pela televisão; "meses depois, em meio à crise nacional aguda, tentativa frustrada de golpe no Estado promovida por *aparatchics* desesperados apressava a desintegração do Estado soviético." Assim, inaugurava-se um período singular, pois pela "primeira vez na história um Estado se via elevado à condição de supremacia mundial não contestada." Sobre as